ANO 4.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1924 N.º 1023

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBCA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

Funcionalismo

Nenhum dos nossos governos ainda até hoje teve a coragem e o desinteresse bastante para fazer uma reforma ampla dos serviços publicos, a fim de os simplificar, tornando-os mais uteis e menos dispendiosos.

O governo Alvaro de Castro, que, em dado momento, se apresentou animado do desejo de iniciar uma franca politica de economias, prestes fraquejou nos seus propositos, talvez pelo facto de não ter elementos suficientes para *cortar* com razão e com justiça.

A ideia de se apelar exclusivamente para o imposto e para a redução dos juros da divida tem muitissimos inconvenientes, porque envolve um sacrificio do trabalho, da produção e do capital que ha-de repercutir-se no agravamento do custo da vida.

O Estado, graças a esta culposa demora em desagravar o orçamento, saneando-o com a supressão das despesas inuteis ou dispensaveis, acha-se agora em singulares embaraços para melhorar a situação dum funciunalismo que morre á mingua, visto não ganhar o bastante para manter-se decentemente.

E a sua obrigação é atende-lo, pois não pode arrogar-se o direito de exigir serviços, sem os remunerar em harmonia com a dureza das circunstancias.

A fome não inspira bons conselhos.

Entregar as repartições publicas a esfomeados o mesmo é que criar dentro delas um espirito de revolta de que saberão aproveitar-se os perturbadores da ordem.

Nós sempre advogamos a necessidade de o país acudir á crise tremenda das nossas finanças, sugeitando-se a novas imposições.

Com isto não querimos dizer que o Estado se isentasse de apoquentações pelo que se refere á sua propria administração tão descurada e desfraudada ha uns anos para cá.

Achamos justo que o contribuinte pague mais, mas não podemos dispensar-nos de reclamar que os dinheiros da nação sejam economisados com todo o rigor.

Porque não se fez ainda a reforma dos serviços publicos?

Não é com certeza aos funcionarios que se deverão atribuir as respectivas culpas.

E, desde que assim é, estes clamando que os socorram, livrando-os do jugo arripiante da miseria, não fazem mais que defender o seu direito á vida.

A IGUALDADE...

—Pelos modos, a senhora tambem sofre da mesma doença que eu... Tiveram que lhe cortar o cabelo, assim como a mim...

A ADMINISTRAÇÃO da Caixa Geral de Depositos fez publicar nos jornais uma nota, que não damos na integra pela sua extensão e por ser já conhecida. A Caixa esclarece nessa nota os termos da operação realisada — e a que se tem aludido nos jornais e no Parlamento. Recortamos desse documento os seguintes periodos por nos parecerem os de maior interesse para os fins que a Caixa tem em vista:

6.º — Assim não representou esta operação uma especulação de qualquer ordem; e antes contribuiu primacialmente para impedir o panico entre os portadores de titulos de Divida Externa, o qual daria origem ao prejuizo destes por uma baixa exagerada e ao consequente lucro dos especuladores.

7.º — Dos lucros que de futuro possam resultar desta operação pela valorisação do papel em esterlino, não deve atribuir-se a qualquer funcionario da Caixa determinada percentagem. A participação dos administradores e restante pessoal, é computada sobre os lucros totais da gerencia, pelo saldo final da conta de lucros e perdas e não em relação a cada negocio.

* * *

A REVISTA *De Teatro* acaba de editar uma curiosa peça em 3 actos, *Fortunio* dos dois brilhantes escritores Valerio de Rajanto e Mario Duarte.

Fortunio é uma personagem ligeira: — um produto complexo deste seculo, acumulando em si, por excesso de acuidade, uma grande parcela das ambições dominantes — assim o definem os seus autores.

Ha, pois, a esperar da sua representação, que se anuncia para o proximo inverno, um grande exito, que confirmará, sem duvida, os creditos dramaticos dos autores.

* * *

CARLOS Parreira, no seu novo livro — *Ex-Votos*, continua sendo o anotador de sensações raras, o enamorado de certas tentações com que os sortilegios de Lisboa surpreendem a curiosidade mais nocturna que diurna dos artistas que trabalham a sua obra com a febre morbida de escaparem ao tedio das coisas banais. A edição, muito cuidada, pertence á empreza da Maranas.

* * *

ANUNCIA-SE para breve a publicação de um livra sensacional de Anselmo de Andrade, as suas memorias politicas, com cartas do rei D. Carlos, nas quais se explica como caiu o ultimo governo de Hintze Ribeiro e as condições em que João Franco foi chamado ao governo.

* * *

ALMOÇARAM, hoje, no Palacio de Belem, com o sr. Presidente da Republica, o o sr. ministro da Guerra e o seu ajundante, tenente sr. Morais.

O sr. Teixeira Gomes passeou esta manhã pela Baixa, acompanhado do seu oficial ás ordens, capitão sr. Florentino Martins.

* * *

O SR. ministro da Instrução, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. dr. João da Silva Correia e do seu secretario sr. Rafael Ribeiro, visitou a escola do Bairro Economico da Ajuda e o edificio do Calvario, onde se acha instalada a escola primaria superior de Adolfo Coelho.

NUM anuncio de jornal, certa vidente promete desvendar o passado, o presente e o futuro das pessoas que a consultem, não se esquecendo, quando o fizerem por carta, de enviar incluso a quantia de 20$00.

Não se pode ser mais simples na arte de extrair... notas sem desconfiança.

Como as pessoas que desejam esclarecer-se sobre os misterios da sua vida ou das alheias são muitas e todas cegas, é facil de calcular como a vidente em questão pode alargar os seus beneficios.

* * *

NA Avenida, ha arvores que sofrem os martirios da sêde. Nunca, ou raramente, as suas folhas recebem a graça dum passageiro orvalho municipal.

Padecem em silencio, numa resignação que as palavras não conseguem traduzir.

Se elas pudessem compreender que a sua dôr tão profunda era remediavel, caso os homens se concertassem para resolver este elementar problema — dar de beber a quem tem sêde...

* * *

ESCREVE-NOS um leitor assiduo do nosso jornal, pedindo-nos que lancemos um protesto contra os exagerados preços dos hoteis, nalgumas praias e termas.

Temos muita pena de o não podermos atender.

Não é verdade que existe uma crise das subsistencias, nos lares de tanta gente que não pensa sequer em viagens e veraneios?

Só depois de os pobres verem abrandadas as suas penas, nós cuidaremos nos clamores dos que desejam acrescentar os seus prazeres.

* * *

UM condenado da Boa Hora, de cadastro invulgar, fugiu do hospital, para onde fôra conduzido por enfermidade grave. Vê-se assim que a doença quando não serve para um homem se evadir da vida, serve á maravilha para um prisioneiro se evadir do cativeiro. Para um condenado doente a liberdade ainda é a melhor cura. A policia encontra-se deante da hipotese, para rehaver a sua presa, de ter de deitar mão a um morto — amnistiado.

* * *

NO Monte-Pio Nacional, descobriu-se um desfalque de mil e tantos contos. Sabe-se já quem é o responsavel. Parece ser cavalheiro de pouco juizo. Como ele proprio pediu que o internassem no hospicio do Telhal, resta saber se ele consumiu tanto dinheiro por ser louco ou para ter espirito.

* * *

ENCONTRA-SE, desde ontem, em Lisboa o sr. dr. Manoel Monteiro, juiz do Tribunal Internacional de Alexandria, que brevemente parte para o norte. O *Diario de Lisboa* apresenta-lhe as suas cordeais saudações.

* * *

AFIRMAVA-SE hoje que a nova lei do inquilinato será votada ainda esta semana, na Camara dos Deputados, isto se a ida hoje a S. Bento, das Juntas de Freguesia, não modificar esta resolução.

* * *

ACENTUAM-SE as melhoras do sr. dr. Antonio José de Almeida, com o que muito nos regosijamos.

T. S. F.

Programas

Dia 7

LONDRES—365 m.—20 h. 25 m.: Actos I e II da opera «Il Seraglio»—22 h.: Hora, boletim meteorologico e noticias—22 h. 15: Acto III da opera «Il Seraglio».
BOURNEMOUTH—385 m.—20 h. 25 m. ás 22 h. 55 m.: Retransmissão do programa de Londres.
RADIO-PARIS—20 h. 30 m.: Cotações, cambios e noticias—21 h.: Radio concerto pelo solista de violino M. Henri Koch —22 h.: Radio-dansing pelo jazz «Buddie Gilmore».

Dia 8

LONDRES—365 m.—20 h.: Orquestra e canto de canções—22 h.: Hora, boletim meteorologico e noticias—22 h. 30 m.: Continuação da 1.ª parte.
BOURNEMOUTH—385 m.—20 h. 30 m.: «Leadles'Night» (orquestra, direcção e anuncio do programa só por senhoras).
RADIO PARIS—1780 m. 20 h. 30 m.: Cotações, cambios e noticias—21 h.: Radio concerto com musica e canto—22 h.: Radio-dansing pelo jazz «Buddie Gilmore».

Dia 9

LONDRES—365 m.—20 h.: Concerto de musica e canto—21 h. 30 m.: Meia hora em Wembley—22 h.: Hora, boletim meteorologico e noticias—22 h. 30 m.: Jazz do Savoy Hotel.
BOURNEMOUTH—385 m.—20 h.: Concerto pela Orquestra de Bournemouth—21 h. 30 m.: Retransmissão do programa de Londres.
RADIO PARIS—1780 m.—20 h. 30 m. Cotações, cambios e noticias—21 h.: Grande concerto de gala organisado pelo «Le Matin» com o concurso de artistas dos Teatros e Concertos de Paris.

Dia 10

RODIO-PARIS—1780 m.— 20 h. 30 m. Cotações, cambios e noticias- 21 h.: Radio-concerto com fragmentos de «La Traviata» —22 h.: Radio-dansing pela orquestra Mario Cazes.

Os programos de Londres têm sido transmitidos pela nova estação de Chelmsford com 1.600 m. de comprimento de onda. A modulação é excelente e recebe-se em haut-parleur, bastante forte, com quatro lampadas.

A estação de Madrid continua transmitindo um concerto das 22 h. 30 m. ás 0 h. e 30 m.

SENHORAS

Não terão mais cabelos brancos, escrevendo já para GEZAR'S, Trav. do Salitre, 19, Lisboa, deposito geral do **Henne de Persa**.

Tintura vegetal em pó para os cabelos, garantida, inofensiva em 36 côres naturais, produto da **Casa ROSIER**, Paris. Preço 25$00, pelo correio 27$00.

CASINO DA PRAIA
CASCAES

Todas as noites concerto e baile
Quintas e domingos chá dancing e jantares concertos
Soberba explanada á beira mar
Realisam-se todos os dias magnificos concertos sob a direção do eximio pianista D. José Bonet

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada Rua do Carmo, 98
PARA CLASSES POBRES
Clinica medica—**Dr. Armando Narciso**—A's 4 h.
Cirurgia geral, operações—**Dr. Bernardo Vilar**—4 h.
Rins, vias urinarias—**Dr. Miguel Magalhães**—10 h.
Pele e sifilis—**Dr. Correia de Figueiredo**—11 e 4 h.
Doenças nervosas, electroterapia—**Dr. R. Loff**—2 h.
Doenças dos olhos—**Dr. Mario de Mattos**—2 h.
Doenças das crianças—**Dr. Cordeiro Ferreira**—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—**Dr. Mario Oliveira**—12 h.
Tratamento da diabetes—**Dr. Ernesto Roma**—5 h.
Boca e dentes—**Dr. Armando Lima**—10 h.
Cancro e radio—**Dr. Cabral de Melo**—4 h.
Analises—**D. Gabriela Beato**—4 h.

Pianos Alemães

das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 123.

TAUROMAQUIA

A prisão pitoresca dos três espadas "Faculdades,, — "Valencia,, — "Bejarano,, e dos seus picadores

Um telegrama de Inea, aldeia da ilha de Mallorca, comunicou na semana ultima a prisão do nosso conhecido «Faculdades» com «Valencia II», «Fuentes Bejarano» e respectivos picadores, por se terem recusado a tourear numa corrida anunciada.

Os picadores «Ceniza» e «Tito», quando lhes levei a nova, estavam na ingloria tarefa de provar cavalos para as ultimas corridas do Campo Pequeno, e comentaram:

«Por ezto habrá sio, por los cabayos!»

E foi realmente por causa dos cavalos que todos jazeram encarcerados, emquanto o povo amotinado pedia exemplar castigo para os toureiros.

Os picadores negaram-se a montar porque os animais eram improprios para picar. Os empresarios ofereceram dinheiro para os convencerem, mas «Chano», «Mazantini», «Cantares» e «Aldeano», com lagrimas nos olhos, juraram que por nada do mundo resistiriam á acometida dos touros com tais «pencos».

«Tenemo hijo—diziam—zeria una temeriá. Ni aunque mos dieram cincuenta reales de propina».

Não houve maneira de convencê-los e lá foram para o carcere, tristes e chorosas.

«Cantáres» era o que mais se lembrava das filhas, e quando horas depois se dedicava a varrer a masmorra onde todos foram encerrados, dizia, afogando as palavras com as vassouradas:

—«Hija mi arma, como se vé er pobrecio su páre!»

Com os picadores estavam os espadas por se terem recusado a tourear sem varas quando a praça estava cheia de um publico ansioso. Em vez deles saiu um pregoeiro, que depois de rufar num tambor, cantarolou:

—«De orden del señor alcalde se suspende la corrida porque los lidiadores tienen miedo a los toros y no quieren torear.»

O publico lançou um alarido e saiu da praça como uma tromba, dirigindo-se ao hotel onde estavam os matadores, e apupoe-os da rua.

Foi um mau bocado e pior seria se a autoridade os não leva para o carcere, para evitar maiores desacatos.

O carcere de Inea não é precisamente um modelo de prisão. As paredes com teias de arenha, com cheiro nauseabundo, produzido pelas emanações da retrete, e densa população de ratas. Tiveram que recorrer a medidas energicas para pôr o calabouço em condições de ser habitado. Mandou-se buscar um grande frasco de desenfectante, uma vassoura e colchões para repousar. «Faculdades», o heroe de varias corridas em Lisboa, ocupou-se em lavar as paredes com zotal.

O picador «Mazantini» tomou para si a tarefa de levantar o espirito atribulado dos seus companheiros, e com uns oculos provistos de um unico vidro, dedicou-se á leitura duma novela de Fernandez Flôres. «Fuentes Bejarano» identificou-se com os acontecimentos e entregou-se ao sono.

Só acordava para comer com apetite optimista.

Assim decorreram interminaveis horas. De quando em quando batiam á porta e os lidadores, esperançados, continham a respiração e escutavam.

Uma voz cavernosa gritava então, lentamente:

«¡Granujas!; Cobardes!

Eram os habitantes de Inca que se revesavam, por turnos, para vigiarem e insultarem os toureiros. Por fim chegou a hora da liberdade. A's duas e meia da madrugada foram abertas as portas do carcere. Os matadores e os picadores sairam para a praça onde se não via ninguem, porque a autoridade tinha mandado apagar os candeeiros.

Subiram todos a um «camion» rodeado de guarda civil a cavalo. O quadro era tragico e digno do pincel de Zuluoaga. Ao arrancar ouviu-se em unisono: «Cobardes!» Os irritados habitantes de Inca lançavam a ultima expressão do seu despeito. O motor começou a funcionar e pouco depois os farois projectavam-se na estrada, ouvindo-se, com o galopar dos cavalos da guarda civil, o éco longinquo de Inca que repetia, interminavelmente:

Cobardes! Co ..bar...des!...

El Terrible Perez

Teatro MARIA VICTORIA
As 8 3|4 e 10 3|4 — 2 SESSÕES
RÉS-VÉS
com o quadro «Em pleno Parlamento»
A'manhã — Festa de LAURA COSTA
Novidades e surpresas nos dois espectaculos para esta noite

Eden Teatro HOJE — Ás 9 3|4 da noite
A mais intensa alegria com a revista
Vida Airada
Graça ás pilhas — Exito formidavel da Companhia Otelo de Carvalho no
Xá lá bai — O casamento do Zumba
PREÇOS POPULARES

Teatro APOLO
TELEFONE 4129 N.
HOJE — Estreia da actriz CFELIA BROCHADO
O CAPITAL
Preços sem locação: Plateia: 2$00, 3$50, 4$50, 6$50 e 9$00; camarotes e frisas: 15$00, 20$00, 25$00, 30$00 e 35$00
A seguir: O COMBOIO N.º 9

Casino de Cintra
Amanhã — Sexta-feira
Dia da moda
Inauguração dos TEA-DANCINGS ás 5 horas da tarde
A's 9 1|2 da noite—Unico espectaculo da moda da celebre TONADILLERA
TINA DE JARQUE
PROGRAMA ESPECIAL
Arte — Elegancia — Beleza
A SEGUIR
1.º concerto classico pelo sexteto dirigido pelo insigne maestro F. Benetó
Domingo—Unica «matinée» em que toma parte TINA DE JARQUE

E' preciso fixar
que a genial
PINA MENICHELLI
a mais elegante, a mais estranha, a mais estilisada, a mais moderna **tragica italiana** reaparece ámanhã no
Cinema Condes
na super-produção
A SEGUNDA MULHER
do drama imortal de SIR ARTUR W. PINERO, o dramaturgo da «**CASA EM ORDEM**».

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Tomar, viscondessa de S. João da Pesqueira, D. Maria Rita Ferreira de Mascarenhas, D. Maria Eugenia Woodhaouse de Serpa Ferreira e D. Berta S. Romão Pinheiro Torres.

E os srs.:

Dr. Carlos Manuel Fires de Lima da Fonseca, Alberto Martins Cardoso de Menezes (Margaride), Vitor Bandeira de Vasconcelos Abreu, Francisco de Sousa Cyrne de Madureira e Francisco Manuel Cabral Metelo.

Diplomatas

Em Cintra, encontra-se passando o verão o ilustre secretario da legação da Alemanha em Portugal, sr. F. Chlinpsest.

Casamentos

Pelo sr. Leonildo da Cunha Rodrigues, foi ha dias pedida em casamento para seu primo o sr. Paulo Alexandre de Magalhães Simões Costa, filho da sr.ª D. Maria José de Magalhães Simões Costa, já falecida, e do sr. Rodrigo Simões Costa, a sr.ª D. Sofia da Graça Teixeira de Bettencourt, gentil filha da sr.ª D. Julia da Graça Teixeira de Bettencourt, já falecida, e do sr. Izauro da Rocha Teixeira de Bettencourt.

O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

—Foi ha dias pedida em casamento pelo sr. dr. Joaquim Isidro dos Reis, para seu cunhado o sr. Carlos Monteiro Barbosa, filho dos falecidos viscondes de Semelhe, a sr.ª D. Maria Eduarda Ferreira dos Santos Canhoto, filha da sr.ª D. Angela da Encarnação Ferreira dos Santos Canhoto e do sr. Antonio Martins Canhoto, já falecido.

O casamento deverá realizar-se ainda este ano.

—Pela sr.ª D. Josefina Barbosa Bessa dos Santos, viuva do sr. José Lopes dos Santos, foi ha dias pedida em casamento para seu filho José, a sr.ª D. Mariana de Almeida Abrantes, filha da sr.ª D. Emilia de Almeida Abrantes e do sr. José de Almeida Abrantes, já falecido.

O casamento realizar-se-ha por todo o corrente ano.

Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª condessa de Carnide. Mãe e filho estão de perfeita saude.

—Na sua casa da Figueira da Foz teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Rosa Jardim, esposa do sr. dr. José Jardim.

Mãe e filho encontram-se de perfeita saude.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã de tarde «rendez vous» na «matinée» do Salão Foz, onde continuam obtendo grande exito os belos numeros de variedades e á noite no Nacional, onde mais uma vez se representa a magnifica peça do dr. Julio Dantas «A Severa», brilhante trabalho da notavel artista Ester Leão, e no Cinema Condes, estreia da magnifica pelicula «A segunda mulher», em que figura a grande tragica Pina Menichelli.

Em viagem

Os srs. condes de Margaride, acompanhados de seus filhos, partiram da sua casa de Guimarães para a de Vila do Conde.

—Para o Monte Estoril, partiram com seus filhos os srs. condes de Penha Garcia.

—Encontra-se em Lisboa, vindos da sua quinta da Espertina, perto de Coimbra, os srs. condes de Felgueiras.

—Na segunda feira parte com seu filho D. Antonio, para Lourdes, de onde seguirá para Biarritz, a sr.ª condessa de Castelo Mendo.

—Partiu para Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Angela Carvajal Teles da Sylva, o distinto engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. José Maria Teles da Sylva (Tarcuca).

—No Monte Estoril, encontra-se com sua esposa, o sr. Raul Pinheiro Chagas.

—Para o Algarve partiu com sua esposa, o sr. dr. Antonio Pedro Martins.

—Estão já em Cintra, a sr.ª D. Ludgera Empis, e com suas familias os srs. Julio Jardim de Vilhena, Francisco dos Santos Moreira e dr. Fernando Freitas Simões.

—Com sua esposa e filhos partiu para as Caldas de Monchique o sr. conselheiro José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa.

—Para Monte Arroio, em Belas, partiu com sua familia o sr. Vitor Ribeiro de Menezes.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Laura Covachichi de Lima, e sua gentil filha D. Virginia, encontra-se já em Sintra o sr. Alvaro de Lima, nosso brilhante colega da «Tarde».

—De Campo Maior partiu para Vizela o sr. Luis de Sá Cardoso.

Doentes

Encontra-se completamente restabelecido da operação que ha dias sofreu, tendo já retomado a sua clinica, o distinto medico sr. barão de Santa Comba Dão (Miguel).

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=Não ha espectaculo.
Nacional=A's 21,30—«A Severa».
S. Luis=Não ha espectaculo.
Trindade=Não ha espectaculo.
Politeama=Não ha espectaculo.
Avenida=Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Réz-Véz».
Apolo=A's 21,30—«O Capital».
Eden=A's 21,45—«Vida Airada».
Gil Vicente=As 21,15—«Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios=Não ha espectaculo.
Circo da Feira=(Parque Eduardo VII)—A's 21|45 e 23—Companhia Cardinalli.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz=Calçada da Gloria.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calcada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

de Quinta Feira

por Norberto de Araujo

Escondido no seu cantinho, não descendo nunca á cidade, alheio a festas, relapso a convites, senhor de si, duro, caustico, penetrante — retrospectivo — ha ahi um homem cujo nome batido ainda pelo tumulto dos acontecimentos e dos misterios politicos proximos sôa a meus ouvidos em termos de me fazer voltar a cabeça, respeitosamenle: João Chagas.

Acusam-no de ser um aristocrata da Republica. Que bela coisa e que coisa dificil ser se aristocrata dentro dos principios! Esta gente conhece a aristocracia apenas pela nobresa do sangue e pelos preconceitos das castas. Ser aristocrata não é isto. Ser aristocrata é ser coerente entre o espirito e a forma, ser severo entra o ideal e a realização; é ser-se paladino, ser-se bem educado. ser-se leal, ser-se digno dentro de qualquer estado! Ha ra'é nas aristocracias de timbre heraldico. E da alma da ralé suja, que nunca calçou luvas, e raro ca'çou sapatos, ha pela historia fora atitudes aristocraticas, caindo bem como veado de oiro em reposteiro vermelho.

Não sei se o sr. João Chagas é um aristocrata da Republica, como eles o insinuam. Nem isto interessa ao que eu queria dizer. Sei que é dessa aristocracia que os republicanos estão falhos, aristocracia de maneiras, de educação mental, aristocracia de idealismo, que quando aparece nos homens republicos se torna para muitos olhos objecto de ridiculo: o o sr. Bernardino Machado no primeiro caso, o sr. Brito Camacho no segundo, o sr. Antonio José de Almeida no ultimo.

Mas o sr. João Chagas não convive. Ele não vai a um jantar de gala, a uma recepção, a um conselho de politicos. Creio que não sobe a Belem. Nunca o vi numa exposição de arte, numa conferencia de letras, na *première* dum original, na praça publica de passeio, ou — á porta da livraria. Está já acima disto? Saltemos a interrogação.

Em boa verdade o sr. João Chegas descança. Espera os seus livros, que são tudo para ele: a conferencia, a exposição, o conselho, o jantar na embaixada. Isolou-se. O parque do Estoril, eternamente incompleto como certas cidades antigas que não houve tempo de acabar e para as quais já acabou o tempo — tem-no em seu abrigo. Habita uma casita burgueza, de chefe de secção de um Banco, onde não ha um atrio de entrada palaciana, ou jardim de pedrinha solta que dê volta, entre moitas de rosas.

O sr. João Chagas prepara um livro. Com certeza que prepara um livro, e no intervalo, ao contrario do que fez o sr. João Franco, desabafa, diz mal, irrita-se, perde-se em infantilidades de critica.

Penso que não está certo. O sr. João Chagas tem obrigação de aparecer; e tem, porque é preciso que apareça. Di-lo a Sua Excelencia, que já não é moço, um rapaz que de Sua Excelencia não está em boas graças, graças a Deus — ou ao jornalismo —, mas que continua fiel ao seu espirito e á sua leitura.

Maduro de experiencia e de saber, enriquecido no contacto do grande mundo, melhorado de processos polemicos, respeitado, prestigiado, poupado pelo fogo da trivialidade, o sr. João Chagas é necessario ao jornalismo e á politica da Republica. Isto está frouxo, isto está baixo, isto está frio, isto está reles. Torna-se urgente o seu conselho, o seu latego.

O seu pensamento, que eu sei preocupado quasi exclusivamente com pequeninas bagatelas da existencia social, tem de subir á causa origem, por ventura, dessas bagatelas. Os partidos são uma tristesa. Os prestigios partidarios — ficções. A vida militante do jornalismo republicano — um mero profissionalismo. Pode pensar-se direito. Afirmo ao sr. João Chagas pela minha pena humilde de jornalista livre, que se se pensa direito, não se escreve direito. Ha coisas que se se dizem nos jornais, não é nas redações que elas se dizem, mas só nos gabinetes das gerencias, á meia luz. Paira no ar e nos escritos uma cobardia colectiva. Não é a inteligencia que falha: é a coragem.

E' preciso escrever para persuadir, e não escrever para tirar efeitos. E' preciso ser-se homem republicano de pedestal para se viver a responsabilidade de ter feito a Republica. E' preciso, emfim, muita coisa que o sr. João Chagas tem consigo, na sua aristocracia e na sua elegancia mental, e é indispensavel trazer ao mercado da opinião.

Compreende-se que o sr. João Franco estivesse 16 anos calado, para salvar a figura de um Rei. Mas o silencio do sr. João Chagas salva alguma coisa? Por outro lado, a actividade politica do sr. João Franco não teria sido mais util á memoria do Rei, ajudando a repôr a Monarquia, do que o seu silencio sistematico, que apenas ajudou a repôr duvidas?

Prepara-se o sr. João Chagas para um alto lugar? Está apenas fazendo a cura de repouso da maldita «parisina»? Disfruta tudo isto que por aqui vive?

Bem pobre, desfavorecido incitamento é o meu. Mas então porque é que os outros não querem que o sr. João Chagas venha?...

* * *

Na galeria do Parlamento, um mutilado de guerra teve ontem o seguinte brado:

— Temos fome! Os mutilados da guerra têm fome, e ha 8 meses que esperam a aprovação do projecto...

Ordem para ser evacuada a galeria. O mutilado, que «não», não saía.

E o presidente:

— Prendam esse homem! A guarda que o prenda!

E foi. Talvez não merecesse a pena. Podia o sr. presidente fazer o que faz ás vezes quando os deputados pronunciam palavras menos dignas: fingir que não ouviu.

* * *

Representou-se a *Severa*. Exito comercial, relativo exito de desempenho. A *Severa* é já uma das peças de fundo do teatro português, dêem-lhe as voltas que derem. Está errada? Está. Muito. Não o ignora já o sr. Julio Dantas. A *Severa* morreu duma indigestão. D. João não foi, de amores, o homem que o autor nos dá. Mas assim está toda a historia. A verdade fazem-na os poetas e os cronistas. A lenda — que é o perfume da Historia — é que é verdade. Porque a Historia, como um lenço guardado, não dá de si sem o perfume da lenda.

E vejam que tendencia tem o nosso povo para aceitar os factos em toda a sugestão da sua beleza mais dôce. A beleza crua, violenta, sanguinaria — não está para portugueses.

Já agora fica havendo duas Severas. Uma que viveu no Capelão, e outra que vive de onde em onde, atravez varias almas de interpretes, nos palcos portugueses. No fundo, são irmãs. Se não gemeas, muito parecidas. Eu por mim, prefiro a segunda. Vou com o povo. Os letrados que vão lá para onde muito bem quizerem. Essa mentira da verdade absoluta, que dá a certos literatos aspectos de trapeiro — é precisa, apenas para existir. Para sabermos onde ela está.

A sugestão, o apontamento, o indicador de emoções, a mancha que dá o ambiente, e o pinta de oiro como as romarias pintam as almas rurais — eis o que se torna mister.

* * *

Quando se sobe de madrugada a calçada da Gloria encontra-se ao meio, com poucos metros de intervalo, dois vultos enovelados, que esmolam: uma mulher mais abaixo, um velho mendigo, embrulhado de farrapos, mais acima. A mulher vela, e ainda sabe pedir. O velho dormita, e faz, ao sentir passos, uma lamuria inexpressiva, que diz apenas da sua miseria. Isto todas as noites. Não teem nada um com o outro. Estou em dizer que estes dois miseraveis não se encontraram nunca E todavia são um e o mesmo. Eu não me revolto contra a sociedade que tolera isto; revolto-me contra a sociedade que torna possivel o chegar-se áquilo. Ha muitos por essa cidade fóra, muito, muito peor, e por esse mundo, debaixo das pontes, dos arcos, dos telheiros, até debaixo do chão. Mas não sei porquê, estes dois confrangem-me de uma maneira rara. A mulher até me parece que tem filhos.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
Continuam as enchentes! Noites de entusiasmo!
HOJE, ás 9 e 1|2 da noite
A popularissima peça do **dr. Julio Dantas**
A SEVERA
Esplendida creação de ESTER LEÃO
Preços reduzidos

TEATRO SÃO LUIZ
SABADO, 9 Primeira representação nesta temporada, da peça historica de grande espectaculo de Paulo Giacometti, tr. de Ern. Biester
Maria Antonieta
Os mais sensacionais e arrebatadores episodios da Revolução Francesa
Protagonista: PALMIRA BASTOS

Um aristocrata — A lenda — A calçada da Gloria — O suicida

Quando uma mãesinha deita um filho ao mundo é sempre, sempre para a glorificação. Começam a subir, a subir, e depois... — quantos ficam por meio d'esta calçada da Gloria da vida!

* * *

A proposito — já não sei de quê.

Uma vez, estava eu á janela de um dos ministerios, vi grande ajuntamento á beira do rio. Parecia que içavam um homem da agua, e de facto assim era, porque minutos depois alguns catraeiros traziam em braços alguem que escorria. Desci a ver.

Era um homem aí dos seus quarenta e cinco anos que se quizera suicidar. Foi levado para o posto da Cruz Vermelha, sob a arcada, e ali o trataram. Eu entrei. O homem, cinco minutos depois, falava. Fôra apenas um banho. Ninguem lhe perguntou porque é que ele se quiz matar. Apenas um maqueiro ingenuo observou, quando o homem confirmou o proposito que tivera de se ausentar da existencia: «Desgostos... Desgostos...» E generosamente não disse mais nada.

Eu, porém, unico paisano que entrára, tornei-me simpatico ao homem, que estou a ver, encharcado, chapeu de côco, bigode farto, meia idade. O chapeu de côco no alto da cabeça, dando-lhe uma aparencia burgueza, é o que melhor vejo agora na recordação. Veiu roupa por um galego; ele vestiu-se rapidamente por traz de um biombo que havia, tendo tossido duas ou três vezes, unico precalço do seu desvario. Saí com ele, e então interroguei-o indirectamente:

— Aborrecimentos da vida...

— Não.

— Não lhe correm as coisas bem?

— Correm todas muito bem.

— Falta de dinheiro?

— Não... Sou só. Tenho o suficiente. Não me falta nada. Vivo á vontade.

— Neurastenia... Doença de espirito.

— Nada. Nada. Goso saude, durmo bem. Não padeço de coisa alguma.

— Mas ..

— A existencia, creia o senhor, é para mim o melhor que pode ser. Não tenho encargos nem relações.

Compoz o chapeu de côco, que estou a ver sobre a sua cabeça onde havia um ar de bonhomia resignada — e encolheu os ombros. Disse então, um pouco a traduzir um pensamento ainda por definir, por precisar, por fixar:

— Farto disto...

Olhei-o melhor, e preguntei, em ultimo, ante a sua expressão agora de tristeza:

— Algum desgosto... Ou talvez algum grande erro que você tivesse cometido...

Ele parou, e disse-me então, isto, que elucida tudo:

— Mas não! Mas não! Não tive nunca um desgosto, e nunca, nunca cometi nenhum pecado na minha vida!

— Faltava áquele homem qualquer coisa para o obrigar a viver. E só então compreendi porque é que ha por este mundo tanta gente que se não mata.

Norberto de Araujo

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 horas do dia 7: Depressão na Escandinavia 746^{mm} com tendencia a deslocar-se para N; ligeira depressão na Corunha com tendencia a encher-se. Zona de alta pressão 771^{mm} entre a Irlanda e os Açôres. Pressão em Lisbca 761^{mm}. O barometro desce no N da Escandinavia e Islandia.

Tempo provavel em Lisboa no dia 8: Bom tempo, vento N ou NE moderado

A Cidade

Chá das cinco

Janela romantica

Nunca mais encontrei aquela mulher... Quiz realizar a sua imagem, mas ela foi inacessivel como a belesa que só tem expressão na morte e no sonho.

Procurei-a na minha alma, no mundo e no espaço. A minha vida foi uma onda—onda de luz, batendo as estrelas, onda de saudade, galgando estranhos paises, onda de amor estrangulando o meu proprio peito.

Quiz interpretar a sua belesa fugitiva e emotiva em todas as mulheres que cruzaram o meu caminho sem deixar uma sombra. Escutei Grieg, Borodine, Chopin e não ouvi chorar a sua alma. Beijei as rosas, os lirios, as bocas das crianças, e nunca mais encontrei o perfume dos seus labios ardentes, embriagados de sangue, gotejantes de sangue, ulcerados de sangue. Segui o vôo de todas as azas, daquelas azas misteriosas que veem na corrente dos ventos e trazem neves dos polos, areias ruivas, maresias de sargaços...

Nenhuma delas tinha destino, dormira sobre o seu peito, encarcerára as suas mãos, num secreto ninho de piedade e amor.

Fui mais longe... Andei pelos cemiterios, fixando as flores, porque só elas guardam o rosto das virgens e das crianças mortas. Uma tarde de outono, palida e febril, encontrei mutilada num museu, uma mascara tumbal, sonhando a noite, que a cavava de sombra, de grandesa e de espanto. Não, não era ela ainda!

Até que um dia, o sol abriu sobre a minha rua uma janela romantica. Nunca mais se fechou... Cresceram rosas sobre o peitoril, rebentaram ninhos, como se a Primavera fosse eterna, como se ela chegasse emfim á minha alma, numa revoada de azas, sofregas de amor, de ternura e de humildade.

Artur Portela.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50—CHIADO—LISBOA

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

3125...	300 000$00	8827...	2.000$00
2094...	50.000$00	9795...	
7304...	30.000$00	1570...	
2973...	10.000$00	3808...	
621...		7647...	1.000$00
2695...	2.000$00	7656...	
8439..		8352...	

MISSA

D. Elvira de Andrade Velozo Batalha

Passando ámanhã o tregessimo dia da morte da sr.ª D. Elvira de Andrade Velozo Batalha, a sua familia manda rezar uma missa sufragando a sua alma, na igreja da Encarnação, pelas 11 horas da manhã.

Bronzes d'Arte

Abriu na rua Luís Fernandes, 12 A, uma oficina de bronzes de Arte (cêra perdida) sob a direcção dos escultores Gomes e Rogerio Andrade.

KARDEX

A Agencia Geral destes ficheiros é na R. dos Bacalhoeiros, 107, 2.º, E. O numero do telefone é Central 3200 e não Central 32, como ontem foi publicado no anuncio desta casa.

UM CASO GRAVE

O desfalque

DOS

mil e duzentos contos

FEITO NO MONTE-PIO NACIONAL

foi simulado pela Direcção?

Soubémos que na policia fôra apresentada uma queixa dum desfalque de cerca de 1200 contos de réis. Procurámos informações, mas no Governo Civil o segredo é absoluto.

Alguem que conhece bem o caso forneceu-nos as seguintes informações:

—«Existia em Lisboa, na rua Augusta, 40, 42, o Montepio Nacional. Este estabelecimento foi noutros tempos administrado de tal maneira, que, sendo pequeno a principio, se tornou uma casa de grande confiança, a tal ponto que a carteira da Associação de Socorros Mutuos teve uma amplitude enorme, conseguindo ao mesmo tempo grande numero de importantes depositos.

Entrámos no periodo fatal da guerra. Não havia ninguem que não tivesse dinheiro. Certos estabelecimentos bancarios compravam arroz, batatas, e faziam todas as transacções, menos as que deviam fazer. Facilmente se faziam descontos, emprestimos, etc. Alguns banqueiros andavam positivamente, ás portas, a agarrar o casaco das pessoas que passavam, para lhes confiarem dinheiro.

A guerra acabou. Os novos-ricos começaram a desaparecer e as transacções a diminuir. E, como a doença era contagiosa, começou tudo a ficar doente...

Um belo dia—a 24 de Agosto do ano passado—o Montepio Nacional sofreu uma corrida dos depositantes. A direcção de então, tendo como chefe de contabilidade e gerente o deputado sr. Constancio de Oliveira, apavorada, lançou mão de todos os recursos que nestas ocasiões são mais que necessarios.

Agarrou no chefe da repartição de emprestimos sobre papeis de credito, sr. Ernesto Magno, e fez dele «o salvador».

Ernesto Magno pediu dinheiro a bancos, a particulares, fez prodigios para salvar a situação.

O Montepio tinha três andares. Pois estavam cheios de depositantes.

Havia 11.000 contos de depositos. Pagaram-se cerca de 5.000 contos—e a borrasca passou.

Passada esta luta, Ernesto Magno começou a embriagar-se frequentemente. Andou assim cerca de nove meses. E, durante esse tempo o seu proprio automovel até serviu para «galopinar» a favor do sr. Constancio de Oliveira.

Em fins de 1923, a direcção reuniu uma assembleia geral, e elegeu a seguinte direcção que tomou posse a 2 de Janeiro de 1924: Antonio Germano da Fonseca Dias, José Epifanio Correia, Ilidio Santos, Amadeu Ruas e Ricardo Tomé Dias da Silva.

Esta direcção encontrou falsificados o relatorio e a escrita da anterior. E notou, por exemplo, que, na secção de emprestimos sobre pedras preciosas havia falta delas, vendidas umas, empenhadas outras em estabelecimentos congeneres. E, enveredando pelo mesmo caminho, começou a ir aos papeis depositados e a empenhá-los, fazendo o mesmo ás joias que estavam por resgatar, etc. E, quando se viu perdida, inventou «este banal conto do vigario» (são palavras textuais do nosso informador):

Sabendo mais que ninguem o estado em que consecutivamente estava Ernesto Magno, e a sua infantilidade, o sr. Fonseca Dias, presidente da direcção, convidou-o a ir a sua casa, na rua Latino Coelho, onde ele foi em companhia de alguns amigos em tal estado de embriaguez, que o proprio sr. Dias lhe pediu que voltasse no dia seguinte.

Efectivamente, Ernesto Magno voltou ali, no mesmo estado. Os seus amigos e o «chauffeur» ficaram separados dele, e o sr. Fonseca Dias fechou-se com ele no seu gabinete, ditando-lhe um documento que ele escreveu e assinou. Ernesto Magno disse aos seus amigos que escrevera o que o sr. Fonseca pedira, mas que não sabia o que tinha sido...

O sr. Fonseca Dias, imediatamente, foi a casa do irmão do Ernesto, o dr. Manuel Magno, e, mostrando-lhe o documento, disse-lhe que o seu irmão praticara um desfalque de mais de quinhentos contos. Dizendo-se amigo da familia, preguntou-lhe se se responsabilisava pela entrega dessa quantia. Convidou em seguida o sr. Manuel Magno e os seus irmãos, a reunirem na noite seguinte, a fim de se deliberar o que havia a fazer.

Essa reunião teve lugar no edificio do Montepio, e três irmãos do Ernesto, atrapalhados com o caso e não tendo a calma necessaria para pedirem as provas, disseram que iam reunir para tentarem saldar esse compromisso, tanto mais que Ernesto Magno tinha dinheiro, principalmente herdado de seu pai. Chegaram mesmo a ir a um tabelião pedir uma minuta para uma escritura, comprometendo-se a pagarem a referida quantia em três anos. Depois, agarraram em Ernesto e levaram-no para casa de seu irmão Antonio, em Santa Marta.

O dr. Manuel Magno apoderou-se de todos os haveres de Ernesto, e, dadas as verdadeiras provas da sua loucura, depois dum exame medico que registou vestigios dum ataque de meningite antigo, internou-o na casa de saude do Telhal, onde está ha mês e meio.

Com o repouso e a abstinencia total do alcool, Ernesto Magno melhorou visivelmente.

Os irmãos, como se tinham comprometido a saldar a importancia acima mencionada, estavam dispostos a fazê-lo. O Ernesto, melhorando um pouco e sabendo que os irmãos tinham requerido a sua interdição—a conselho de amigos, passou uma procuração ao sr. dr. Ramada Curto, para tratar dos seus interesses cá fóra, visto não poder sair do Telhal.

Ao mesmo tempo, escreveu ao seu irmão Antonio, pedindo-lhe que entregasse os seus automoveis aos «chauffeurs», para eles os recolherem em lugar da sua confiança.

Os irmãos de Ernesto Magno procuraram então o sr. Fonseca Dias, e, melindrados por não terem sido consultados para a procuração ao dr. Ramada Curto, declararam que não se comprometiam a reparar o desfalque que ele dizia haver.

Então, o sr. Fonseca Dias que é presidente da Direcção, 1.º secretario e tesoureiro apresentou queixou á policia contra Ernesto Magno e outro empregado do Montepio, declarando que o desfalque era de cerca de 1.200 contos, e que se queixava por os irmãos dele não quererem a responsabilidade assumida. Não concordando com a nova atitude deles, o sr. Fonseca Dias mandou tirar publicas fórmas das actas da reunião no Montepio, para juntar ao processo—e o dr. Pinto Meireles oficiou para o Telhal, detendo Ernesto Magno e procurando trazê-lo para Lisboa.»

Até aqui são informações que os tribunais submeterão ao seu julgamento imparcial. Agora alguns comentarios do nosso amavel informador:

—«A Direcção confessou publicamente que o relatorio e a escrita estavam falsificados, e declarou entregar o Montepio, como Associação de Socorros Mutuos, á Previdencia Social do Ministerio do Trabalho.

Ficou mês e meio a trabalhar á porta fechada com o proprio falsificador da escrita que nem sequer foi processado.

E só um mês e meio depois é que o Montepio é entregue á comissão de exame. Faz-se, então, queixa dum desfalque de «cerca» de 1.200 contos. E' isto sério? E' isto legitimo?

O que se devia ter feito era convocar uma assembleia geral, depois de se ter feito a queixa contra o deputado Constancio de Oliveira e o chefe Ernesto Magno. A assembleia geral decidiria, então, o que havia a fazer. Assim, ficou toda a gente roubada—socios e depositantes.

E tudo isto para quê? Para não acusarem o chefe da contabilidade que, por sua vez, os acusaria a eles. Por isso, fizeram esse «golpe de preto».

Como se vê, trata-se dum caso gravissimo, que importa esclarecer totalmente.

AS ESQUERDAS DO REGIME

O partido radical

JÁ TEM

um governo organisado

e muitos decretos feitos

O «Diario de Lisboa», ouviu hoje o sr. dr. Bossa da Veiga, que pertence ao Partido Republicano Radical.

—Que pensa da actual situação politica?

—Que caminhamos, dia a dia, para o descalabro do paiz.

—Entende que...

—Nenhum dos partidos organisados da Republica tem a necessaria autoridade moral para fazer o saneamento da Republica. Todos são cumplices dos mesmos crimes.

—Mas o Parlamento...

—Não póde fazer nada... Mesmo que fosse possivel organisar um ministerio com homens honestos e competentes, a sua acção moralisadora seria tolhida pelas clientelas.

—Qual a solução a aplicar?

—Existem duas soluções: Ou uma revolução, ou a dissolução do Parlamento.

—Qual é o partido que está actualmente apto a arcar com essa tremenda responsabilidade?

—O P. R. R., está actualmente preparado para qualquer das duas soluções. Luta pelas armas, ou luta pelas urnas.

—Isso depende de...

—Circunstancias especiais...

—A sua opinião?

—Eu opto pela revolução. Ha muito que fazer, e não é dentro das normas acanhadas duma situação constitucional, parlamentar, que se póde fazer o que é indispensavel.

—O que considera indispensavel fazer?

—Destruir para reconstruir, sanear e moralisar. Numa palavra, fazer a Republica que se propagou nos tempos da monarquia e entregá-la nas mãos de republicanos honestos e competentes.

—A maioria do P. R. R., pensa como V. Ex.ª?

—Absolutamente. Posso garantir-lhe que os poucos conservadores que existem no P. R. R., têm a sua vida politica contada. Nada conseguirão...

—A politica tem uma directriz...

—Para as esquerdas. Frize bem, para as verdadeiras esquerdas...

—E sobre a facção esquerdista do P. R. P.?

—Ha certamente alguns elementos na falange esquerdista do P. R. P., em cuja sinceridade eu acredito. Mas como ex-correligionario de alguns vultos eminentes desse partido, que durante tantos anos foram meus companheiros de lutas, tenho para o seu radicalismo um riso de desdem.

—Mas...

—Não me corte o fio á conversa. De resto eles estão no seu papel! Captar as simpatias das massas populares, indo copiar ao P. R. R., os pontos mais interessantes do seu programa.

—E...

—E' interessante ver que ao passo que as nossas tribunas de comicios ou conferencias têm estado sempre á disposição de todas as pessoas que queiram usar da palavra, aceitando os nossos oradores a contradita seja com quem fôr e a que partido pertençam, desde o mais conservador ao mais avançado, outro tanto já se não dá com os oradores esquerdistas do partido democratico.

—Para evitar talvez qualquer conflito?

—Essa propaganda republicana dentro dos seus centros póde parecer uma necessidade de provocar a fé republicana aos seus correligionarios...

—Caminha-se, pois, para um movimento?

—Sim, senhor. Talvez mais cedo do que muita gente imagina.

—Ha ligações com elementos doutros partidos?

—Vamos sozinhos. Entendimentos? Acordos? Nenhuns! Ou ficamos orgulhosamente vitoriosos da nossa obra, ou ficamos liquidados mais miseravelmente do que os outros partidos da Republica, caso

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Brasil
CURAS PELA HORMOTERAPIA
MUDOU PARA
RUA NOVA DA TRINDADE, 9
Consultas das 3 ás 5 horas

A Cidade

Dr. Coutinho de Oliveira
CLINICA GERAL
RUA NOVA DO CARMO, 69
Telefone: C.-2507 Das 3 ás 5

PORTUGAL E A HESPANHA

A antiga questão DA PESCA vai, emfim, resolver-se

por meio dum convenio

O general Primo de Rivera foi o primeiro governante que encarou de frente a questão de pesca. A comissão que ha-de tratar do assunto está já nomeada. Falta agora que Portugal se mexa, se interesse e se apresse a nomear a sua, a estudar o assunto e a resolve-lo—tanto mais que sem retirar do caminho esse pedregulho, torna-se impossivel qualquer esforço de aproximação economica.

O capitão sr. Leonardo Barros, tecnico destes assuntos e profundo conhecedor da questão, que já em 1920 foi encarregado de elaborar um estudo, que não concluiu por desinteresse do governo português de então, fala-nos hoje sobre esse problema:

—Será o problema daqueles que não têm ponta por onde se lhe pegue?

—Nada disso.. E' trabalhoso, duro, cheio de espinhos—mas, havendo honradês e lealdade de parte a parte, fica resolvido em pouco tempo...

—De quem tem sido a culpa deste atrazo?

—Dos governos— exclusivamente dos governos. Assustam-se só de falarem disso. O sr. Melo Barreto, cuja acção tem sido altamente prejudicada pela falta de atenção para o problema da pesca—estudou-a já profundamente e está pronto a trabalhar para a sua resolução. Mas, em Lisboa, a preguiça não deixa passar á realidade os planos mais interessantes e mais urgentes.

—E os armadores espanhois têm realmente interesse em um convenio e prefeririam a pesca clandestina?

—Ninguem como eles necessita entrar num campo de legalidade. Além disso é uma ameaça permanente para eles...

—E Primo de Rivera...

—Sei que está interessado no assunto—e nós tambem devemos estar. A comissão espanhola está pronta, creio... A nossa deve ser designada esta semana.

—Uns nomes...

—Creio que Neuparth irá... O nosso consul em Vigo tambem está proposto... E' possivel tambem que eu acompanhe a comissão, como tecnico...

—E esse convenio deve ser temporario?

—Nada disso... Houve quem falasse em um acôrdo de seis meses... Para quê? Já que estamos com a mão na massa deve-se concluir por uma vez com essa morrinha... Tanto trabalho dá o estudo de uma resolução temporaria como de uma definitiva. As causas são as mésmas, os mesmos perigos, a mesma gravidade.

—Crê então que...

—O importante seria degolar para sempre a questão com um convenio durador e equitativo que sirva para afiançar essa tão falada amisade hispano-portuguesa com a base de um digno e mutuo respeito, relativo aos interesses de pesca dos dois paises...

—E o grande alcance desse convenio...

—Seria de grande valor, sobretudo neste momento... O resultado não se limitaria a liquidar uma questão de interesses em litigio. Portugal e Espanha vão iniciar uma nova orientação para as suas comuns conveniencias economicas... E' preciso que Portugal e Espanha se lembrem que a sardinha, que tantos desgostos nos têm dado, é monopolio quasi exclusivo da peninsula e que têm o mundo por mercado...

—E a quem se deve agora esse brusco interesse pela resolução do problema?

—A Primo de Rivera e a Melo Barreto. Primo de Rivera está realmente com interesse em entrar num campo de franca amisade economica com Portugal e, sobretudo, tem o natural prazer de saltar um ponto, deante do qual os seus antecessores hesitavam...

UM ESCANDALO?

Cunha Leal

FALA ao "Diario de Lisboa,,

SOBRE A OPERAÇÃO FINANCEIRA

da Caixa Geral de Depositos

O caso da Caixa Geral de Depositos continua sendo o assunto de todas as discussões.

O administrador geral daquele estabelecimento do Estado, sr. dr. Daniel Rodrigues, concedeu hoje uma entrevista ao *Seculo*.

O *Diario de Lisboa*, por sua vez, ouviu o ilustre *leader* nacionalista, sr. Cunha Leal, que no Parlamento levantou a questão. Disse-nos o brilhante parlamentar:

—«No mesmo dia em que o sr. dr. Daniel Rodrigues, ministro voluntario das Finanças Nacionais, me disparou o tiro de uma energica entrevista, o conselho de administração da Caixa Geral de Depositos afogou-me, e aos meus pobres argumentos, sob as enxundias duma substancial nota oficiosa. Deixarei de parte a entrevista, porque ela não passa duma especie de glosas ou comentarios á nota referida. E, assim, arrancarei apenas dela o seguinte pedacinho de ouro, que era digno do homonimo Daniel—o da caverna dos leões:

> Foi efectivamente no seu jornal—o primeiro que leio todos os dias—que tive ocasião de vêr a carta do deputado sr. Cunha Leal. O assunto dela não merece as honras de uma entrevista.

Isto é de deixar uma pessoa de cara á banda! O ilustre financeiro, com a generosidade da sua resposta, obriga-me a curvar-me, reverente, e a bater no peito o «me poenitet» das grandes confissões».»

—A nota oficiosa...

—É o que importa.

«Ela marca uma terceira *étape* na instrução deste processo, que, *por ora*, é feita no tribunal da Opinião Publica. Na primeira, aparece o sr. Mateus Aparicio como presumido delinquente. Na segunda, o sr. dr. Daniel Rodrigues cobre, com a sua volumosa personalidade, o indigitado autor da fraude. Na terceira, o Conselho de Administração da Caixa Geral de Depositos procura chumbar-se ao seu Administrador, hoje promovido de Geral a Generalissimo das Finanças portuguesas.

—Desta maneira...

—Desaparecem as responsabilidades individuais para surgirem as responsabilidades colectivas, o que, não sendo menos grave para os homens, é muito mais grave para a Instituição. Posta assim em relevo esta nova fase do problema, troquemos por miudos a nota oficiosa, tão ingenua na sua estudada rabulice:—Afirma-se nela que a Caixa andava, de ha muito, a comprar titulos da divida externa; e, quanto á operação que se discute, acrescenta-se o seguinte:

> Que o montante dessa operação foi elevado, por interesse publico, desde que a administração da Caixa teve conhecimento da disposição em que o governo se encontrava de manter as garantias anteriores para o papel pertencente á Caixa. É assim foi em 2 de junho fechada a compra de 5.320 obrigações, que a repartição de cambios debitou á séde ao preço calculado de escudos 783$00 cada uma, obedecendo ás disposições regulamentares de contabilidade dos serviços da Caixa.
>
> Nos contratos da compra relativos a esta operação foi a entrega diferida, porque os vendedores não possuiam papel disponivel, havendo-os que, segundo declaração do corretor, tinham que receber os titulos do estrangeiro. Não houve fixação de preços, e assim não se realisou qualquer operação a praso, que de resto teria sido licita nos termos do artigos 354.° e 467.° do Codigo Comercial.
>
> Sucessivamente foram recebidos estes titulos até 30 de junho, «e sempre pagos pela cotação corrente á data da entrega», sem qualquer lucro ou margem que não fosse a legal percentagem de um por mil pertencente ao corretor.

Vê-se, pois, que a Caixa teve previo conhecimento do decreto de 3 de Junho, e usou e abusou desse conhecimento para especular, como qualquer vulgar zangão da rua dos Capelistas. Mas, desta vez, afirma-se—ao contrario do que dissera no Parlamento o ministro das Finanças «doublé» de Administrador Geral da Caixa—que em 2 de Junho a secção de Cambios desta Instituição havia já fechado todas as operações de compra das 5320 obrigações, Os termos desses contractos não são tambem os mesmos a que o sr. dr. Daniel Rodrigues fizera referencias anteriormente. Não: agora as obrigações haviam sido compradas, em grande parte, a individvos, que «segundo declaração do correetor tinham de receber os titulos do estrangeiro». E o preço porque seriam pagos estes titulos seriam os do dia da sua entrega.»

—Trata-se. portanto, a ser isto verdade...

—«De operações a prazo, concebidas de modo a fixar-se o dia do fecho das mesmas, e a deixar indeterminados os preços da venda, que se regularão pela cotação do papel nesses dias. *Não são vulgares as operações a praso, deste tipo na nossa praça.* E, percebendo isso, a nota oficiosa declara esta coisa piramidal:—que *não houve fixação de preços e assim se não realizou qualquer operação a prazo.* Ora valha-nos Nossa Senhora! Mas então que diabo de manigancias foram aquelas? Operações a pronto não foram, visto como nem sequer se sabia, no momento em que foram ajustadas, os preços de venda. Operações a prazo diz a Caixa que tambem não foram. Devemos então incluir nos Codigos uma outra especie de operações: *operações á Daniel Rodrigues* em cujo tipo entrarão aquelas de que agora nos vimos ocupando...

E Cunha Leal prossegue:

— Passemos ainda como gato por brasas por aquela outra afirmação de que houve figurões, segundo diziam os corretores, que mandaram vir papel do estrangeiro para o venderem á Caixa pelos preços que vigorassem á data da entrega. Ninguem ignora que se resnava, de ha muito, haver da parte do governo tenção de reduzir os juros da divida externa. O proprio sr. dr. Daniel Rodrigues confessa que o segredo das intenções do governo era o segredo do Polichinelo. Pois havia uns patuscos, que, vivendo em Lisboa, pareciam viver na Lua, e que não tiveram duvidas em vender a um preço, que nenhuma probabilidade indicava poder ser maior do que o da ocasião, as obrigações da divida externa que tinham lá fóra— *lá fóra*, reparem — a bom recato. Que ingenuidade — Santo Deus! — a de estampar, em nota oficiosa, razões deste quilate!

Pois, apesar de tudo, demos de barato que tudo isso se passou assim, porque, ás vezes, é bom fazer demonstrações pelo metodo da redução ao absurdo. Se as coisas se passaram assim, e tendo sido entregue, em 2 de Junho, a percentagem de um por mil ao corretor, ha que concluir que houve contratas de compra, anteriores áquela data, de 5.320 obrigações. Pois então, surjam essas contractas e que se averigue do estado civil dos vendedores. Aí está uma coisa que a Caixa Geral dos Depositos poderia publicar e que seria mais util para o esclarecimento do caso do que milhentas notas oficiosas.

Convindo, portanto, a Caixa a fazer essa publicação, visto que estes negocios andam pejados de desconhecidos Matias Lopes e Matias Santos que só têm folha limpa na justiça pela simplicissima razão de não existirem... Um outro absurdo, que ressalta do exame da nota, é o que respeita á necessidade do lançamento no dia 2 de um debito da sede á secção de cambios de 4.171 contos, numeros redondos, correspondentes ao preço calculado de 783$00 por obrigação e mais a percentagem de um e meio por mil. Pois se se não sabia qual era o preço do papel qual a razão por que se fez o lançamento? O que

(*Vêr continuação na 8.ª pagina*).

Pelos teatros

«Vida airada»

Na revista «Vida airada», em scena no Eden Teatro, a gentil actriz Adelina Fernandes canta com notavel successo os fados da «Nodoa» e da «Severa».

Todas as noites o publico a aplaude e a consagra

ADELINA FERNANDES

como a actriz que melhor canta o fado, dando-lhe o maior sentimento, a par duma graciosidade admiravel

Tina de Jarque

O novo e esplendoroso casino de Cintra, para estar em tudo á altura dos melhores do estrangeiro, contractou a gentil «tonadillera» Tina de Jarque, que está egualmente contratada para os casinos de San Sebastian e Biarritz.

Tina de Jarque, que obteve exitos em Paris e Londres e tem o premio de beleza do Liceu America, está sendo aplaudidissima todas as noites pelos distintos frequentadores do novo casino de Cintra.

Laura Costa

Devido á revista «Rez vez», tal qual está em scena ter ainda grande afluencia de publico, a festa artistica de Laura Costa ficou transferida para o dia 15. Nessa noite o teatro Maria Victoria vestirá de gala e a gentil actriz será alvo duma manifestação de carinho e de simpatia.

Atrás do reposteiro

Consta que a peça «O lodo», de Alfredo Cortez, voltará á scena, na proxima epoca de inverno, num dos nossos principais teatros.

—Vasco Mendonça Alves e Carlos Selvagem estão trabalhando activamente em novas obras teatrais

—Com o titulo «O rouxinol do Mondego», escreveu uma opereta para o teatro S. Luis, o escritor Bento Faria.

—A seguir á peça «A Severa» vai á scena no teatro Nacional «O Conde de Monte Cristo».

—E' a seguinte a distribuição da peça «Maria Antonieta», que sabado sobe á scena no teatro S. Luiz:

«Maria Antonieta», Palmira Bastos; «Mad. Izabel», Maria Emilia; «Royale», Amelia Bastos; «Princesa Lamballe», Georgina Cordeiro; «Mad. Campan», Dina Pereira; «Rosalia», Paz Rodrigues; «Peixeira», Paz Rodrigues; «Luiz XVI», Carlos de Oliveira; «Lafayette», Abilio Alves; «Delfim», Judite Marques; «Melesherbes», Carlos Viana; «Conde de Provença», Carlos Abreu; «Santerre», Sebastião Ribeiro; «Presidente da Assembleia Legislativa», Antonio Paiva; «Beaumarchais», Vasco Sant'Ana; «Simão (sapateiro)», Augusto Torres; «De Brissac», Joaquim Miranda; «Clery», Antonio Gomes; «Calonne», Mario Campos; «Garat», Fernando Pereira; «Deshuttes», Joaquim Pacheco; «Varicourt», Antonio Paiva; «Abade Firmont», J. Miranda; «Secretario», Jorge de Sousa; «Lebeau», M. Campos; «Oficial», Pacheco.

—Está trabalhando no Casino Peninsular da Figueira da Foz a bailarina Luiza de Lerma.

—Arrendou o teatro Micaelense, da Ilha de S. Miguel, de novembro a março de 1925, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

—Recebemos um cartão de despedida da actriz Justina de Magalhães, que parte, em breve, para o Porto, a incorporar-se na «troupe» artistica que se propõe desenvolver o «folk-lore» teatral popular.

—Todo o material scenico, adereços, adornos de mobiliario, etc., que a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha leva na sua «tournée» ao Brasil—sendo todos os scenarios providos de portas a valer—é novo, tendo os trabalhos de pintura sido executados pelos scenografos José Mergulhão, Rodrigues Ayres e Luiz Salvador.

ALFA ROMEO

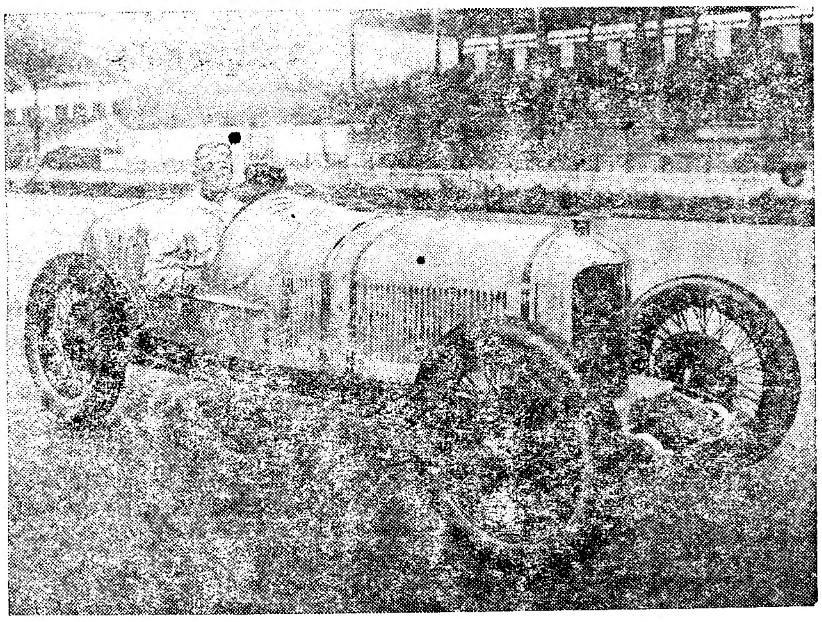
VENCEDOR

DO "GRAND PRIX" AUTOMOBILISTA DA EUROPA

cobrindo os 810 k. 075 do percurso

em 7 horas e 5 minutos

a uma media horaria de mais de 114 k.



O automovel "ALFA ROMEO" que ganhou o "GRAND PRIX" da Europa

Unicos representantes em Portugal:

Ed. Ricou, L.da

Stand Alfa Romeo

Automoveis e acessorios

Avenida da Liberdade -- 5

LISBOA

OFICINAS:

R. Camilo Castelo Branco, J. C. A.

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL TELEF. C. 119
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

ESTRANGEIRO

MOBILIAS
COMPRAI SÓ NA
Travessa de S. Mamede, 60, 60-A
(á Politecnica)

NOTICIAS DE LONDRES

Já está assignado

o acordo

anglo-bolchevista

apezar do que disse a imprensa

LONDRES, 7.

Depois duma aparente falencia completa da conferencia anglo-sovietica, chegou-se a acordo ontem.

Uma das principais clausulas dos «soviets» é a imunidade da delegação comercial russa.

Os «Soviets» admitem a responsabilidade para com os portadores inglezes de titulos russos e será paga uma soma em globo para as reclamações em conjunto.

Uma comissão conjunta estudará as reclamações e seguir-se-lhe ha o tratado, depois de obtido o acordo sobre este ponto. Quanto ao emprestimo á Russia, tanto a importancia como as condições não estão especificadas. A propaganda anti-britanica é proibida á Russia.

Lloyd George atacou nos Comuns o acordo obtido e, perante a hostilidade da Camara, o governo aceitou o adiamento do debate, o que impediu que o tratado fosse assignado ainda hoje.—(L.).

A questão

das fronteiras Ulster-Estado Livre

LONDRES, 7

O projecto de lei confirmando os acordos com o Estado Livre da Irlanda, que foi ontem discutido no Parlamento, prevê que se a Irlanda do Norte se negar a nomear delegado para estabelecer as linhas de fronteira com o Nstado Livre, antes deste projecto ser aprovado, os poderes do Parlamento do governo do Ulster passarão para o governo britanico no que diz respeito á nomeação de delegados para o estabelecimento das fronteiras entre as duas partes da Irlanda.—(R.)

Colonia

e a proxima evacuação

O governo inglês vai estudar detalhadamente a forma como se ha de efectuar a futura evacuação da região de Colonia.

A França não desejaria abandonar os territorios ocupados antes de se ter verificado que a Alemanha tinha desarmado e que fosse apresentado o relatorio da comissão encarregada de exercer a fiscalisação sobre o desarmamento da Alemanha.—(R.)

Reunião

do congresso das associações

Reuniu o congresso anual das Associações Britanicas, tendo sido lida uma mensagem do principe de Galles. O major general sir David Brin, pronunciou o discurso presidencial referindo-se aos progressos alcançados na prevenção das doenças.—(R.)

Casino de Cintra
Restaurant com serviço de 1.ª ordem
Almoços e jantares
a preços fixos e à la carte
Chá-dancing
Soupers froids
Chefe de cosinha francez
Concerto durante as refeições
BAR AMERICANO

UM PROBLEMA "POST-GUERRA,,

Os casamentos

que se fizeram

durante a Grande Guerra

têm provocado

centenas de desilusões

O correspondente particular do «A B C», de Madrid, na Europa Central, refere se á crise por que estão passa do os casamentos que se fizeram durante a guerra.

A maior parte das pessoas que por amor se casaram, nas horas aflitivas e romanticas em que os regimentos partiam para a frente de batalha, acabaram por ter uma profunda desilusão. Afinal, não era amor aquilo que elas supunham experimentar, mas sim um sentimento de piedade, ou de compaixão, ou ainda mesmo uma exaltação romantica, protegida por um ambiente «sui-generis», que não chegava a ser amor.

A rapariga, cujo pai ou cujo irmão partiram para as primeiras linhas sentia se abandonada e tinha necessidade de se apoiar a um braço forte, que lhe servisse ao mesmo tempo de amparo moral. Nesta predisposição de espirito, encontrou o militar, cheio de amor proprio, do sentimento das responsabilidades e do desejo de proteger os desamparados, ele que tambem necessitava de amparo para sofrer com resignação as horas amargas das trincheiras. Conheceram se e casaram, com este pensamento, por parte do homem: «O que havia de ser dela sem mim?» Uma vez regressados á vida normal, o protector magnanimo teve ocasião de verificar que sua mulher, antigamente tão debil e tão necessitada de protecção, pretendia ter direitos iguais aos do marido e pretensões ainda maiores.

Outros militares casaram para poder disfrutar uma companhia amavel durante as licenças que gosavam, para ter alguem a quem pudessem dedicar um pensamento bom, ou ainda para escrever longas cartas das estepes da Russia, dos pantanos da Albania ou das margens do Reno.

Acabada a guerra, estes casamentos tiveram a mesma sorte dos chamados matrimonios «pour l'honneur», que legalisaram velhas relações com este pensamento: «Que me importa, se vou morrer», ou ainda «Que ele tenha, ao menos, um dia feliz».

Vejamos agora os casamentos motivados por interesses materiais. Na Austria, por exemplo, com a desvalorisação da corôa, fortunas de muitos milhões ficaram reduzidas a cinco réis de mel coado, emquanto algumas pessoas adquiriam proventos colossais aproveitando se da especulação. Rapazes que tinham casado com raparigas de fortuna viram se de um momento para o outro, reduzidos a uma pelintrice incomoda e indesejavel. Outros que tinham sido pobres e casaram com raparigas da sua condição, quando menos pensavam, acordaram ricos, aspirando a um degrau mais elevado da escala social.

E o que se passou depois da guerra? O antigo oficial, regressado á vida civil, sofreu por vezes tremendos desenganos em face da realidade, que lhe tinha parecido tão bela e tão cheia de encanto—vistas de longe, dos campos de batalha.

Outras vezes, não poude resignar-se á vida sedentaria, ao obscuro trabalho burocratico, ou começou a tratar sua mulher no mesmo tom autoritario com que comandava soldados. A crise de habitação, a convivencia com os sogros ou com gente estranha destruiram muitos casamentos que sem essa circunstancia podiam ter sido felizes.

Verifica se, portanto, que durante a guerra os homens e as mulheres casaram mais facilmente e com menos circunspecção do que em tempos normais. A incerteza da vida, porém, fez se sentir tambem no casamento. E sucede agora que é raro o dia em que não se faz um divorcio em que não se desfaz um casamento, em que não se destroi um lar.

FOGOES A GAZ DE PETROLEO
O FOGAREIRO MODERNO

RAPIDEZ
ECONOMIA
SEGURANÇA
COMODIDADE
SEM FUMO NEM CHEIRO
N'uma hora, com 2 decilitros de petroleo, póde servir-se uma refeição completa.
São muito portateis, recomendando-se para o Campo e Praias.
Á VENDA:
VACUUM OIL COMPANY
RUA DA HORTA SECA, 17
E NAS SUAS AGENCIAS

A CONFERENCIA DE LONDRES

Só se os alemães

satisfizerem

os compromissos

é que a França sahirá do Ruhr

LONDRES, 7

A evacuação militar do Ruhr diz unicamente respeito aos aliados, visto o plano Dawes afastar explicitamente esta.

Os franceses parecem resolvidos a não evacuar o Ruhr emquanto a Alemanha não der provas certas da sua vontade de executar todos os compromissos resultantes do plano Dawes ou do tratado.

O «Reich» deverá particularmente ter satisfeito as suas obrigações no que respeita ao «contrôle» militar inter-aliado.

E' esta pelo menos a tese do general Nollet, exposta perante o sr. Macdonald.

Nos centros bem informados supõe-se agora pouco provavel que esta acabe esta semana.—(H.)

Os alemães

entregaram as suas observações...

LONDRES, 7

A delegação alemã fez entrega á conferencia, esta manhã, «as suas observações provisorias sobre as deliberações resultantes dos trabalhos das três comissões». A nota principal, que é dedicada ao plano Dawes, á comissão de desembargo e aos penhores para a evacuação economica do Ruhr, comporta três partes: 1.ª ritmo e sucessão cronologica das medidas reciprocas previstas; 2.ª extensão e execução das medidas tecnicas da evacuação; 3.ª medidas de indulto. Relativamente ao ultimo ponto, o Reich pede que todos os alemães sejam amnistiados pelas autoridades franco-belgas, comprometendo-se, pela sua parte, a não exercer represalias, as quais poderia exercer contra os seus nacionais por motivo da sua atitude durante a ocupação.

Marx

vai fazer uma «exposição»

O chanceler Marx fará uma exposição na sessão entre os aliados e os alemães, que deve realisar-se esta noite, ás 21 horas. A memoria alemã é acompanhada de uma carta de envio, muito pequena, na qual o governo do «Reich» levanta principalmente a questão da evacuação militar do Ruhr e da «régie» franco-belga dos caminhos de ferro, a qual diz ser contraria á letra do Tratado de Versailles e ao espirito do plano de Dawes.—(H.)

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º

PEBECO
Antiga pasta dentifrica alemã. Unica preferida em todo o mundo. Fabricação de P. BEIERDORF & C.º—HAMBURGO.
Preço de bisnaga, tamanho vulgar . . . . 3$50
Preço de bisnaga maior . 7$00
A' venda na R. do Ouro, 102; R. da Palma, 7; Rocio, 8; R. Garrett, 64; R. D. Pedro V, 75; e em todos os bons estabelecimentos.
Descontos aos revendedores.
Unicos representantes e depositarios em Portugal
Coutinho Ribeiro & Vaz, Ltd.ª
Rua do Norte, 83, 3.º—Lisboa

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
* Londres, cheque	—	152$50
* Paris	1$86	1$88
* Madrid	4$51	4$63
* New-York	34$10	34$35

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
*/Italia	1$50	1$52
* Suiça	6$42	6$50
*/Brasil	—	—
Libra esterlina	175$00	180 $00

AS ESQUERDAS

O P.R.R.

preveniu a hipotese da dissolução sem esquecer a da revolução...

(Continuação da 4.ª pagina)

não realizemos os pontos capitais do nosso programa.

—Considera inevitavel a revolução?

—Acho-a inevitavel.

—Ha quem diga que o P. R. R., não tem elementos para assumir o poder?

—Isso não é verdade! O P. R. R. tem já o seu governo organisado e até os decretos feitos para serem publicados no «Diario do Governo».

—Ha quem duvide da força do seu partido?

—Eu sei... Os que dizem isso são os invejosos ou aqueles a quem não convem a ida do P. R. R. ao poder, porque vêem nesse facto a perda dos seus interesses.

—Mas...

—Para apoucar o partido, servem-se de todos os meios, inclusivé, dando noticias falsas para os jornais, para provocarem antipatias ao partido, como essa que apareceu sobre oficiais milicianos.

—A que atribue essas noticias?

—Ao facto de verem o engrossamento extraordinario das fileiras do P. R. R. Vêem que a chamada rua, isto é, as massas operarias revoltadas estão comnosco.

—E os monarquicos?

—Não nos preocupam um segundo. Para discutir actos dos republicanos só alguns republicanos o pódem fazer. Nem todos. Apenas os que têm autoridade moral. Quanto aos monarquicos deixá-los falar.

A pesca da lagosta

Em Cascais, encontram-se fundeadas oito chalupas francesas, tudo levando a crer que continua a pesca da lagosta nas nossas aguas.

No mercado da Ribeira Nova foram esta manhã vendidas em hasta publica, 195 lagostas, que renderam 800 escudos.

A'manhã e depois proceder-se-ha á venda das restantes.

Filomeno da Camara

O capitão de fragata sr. Filomeno da Camara, responde a conselho de guerra no dia 13 do corrente pelas 12 horas.

Malas postais

A'manhã são expedidas malas postais, pelo «Sierra Nevada», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, e pelo «Aguila», para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo a ultima tiragem da caixa geral respectivamente ás 9 e 13 horas, e fechando os registos para o segundo ás 11.

Ardeu por completo
a lavandaria do Sanatorio Sousa Martins

GUARDA, 7.—Um grande incendio destruiu por completo a lavandaria do Sanatorio Sousa Martins. Os prejuizos são avaliados em 1.000 contos.

DE LUTO
D. Leopoldina de Oliveira Lemos

Comemorando o 30.° dia do falecimento da sr.ª D. Leopoldina do Patrocinio de Oliveira de Lemos Lopes, chorada esposa do empregado do nosso colega «O Seculo» sr. Antonio Lemos Lopes, reza-se ámanhã, pelas 11 horas, uma missa de sufragio na igreja de Santa Catarina.

Manual do Viajante em Portugal

Encontra-se quasi esgotada a 5.ª edição desta interessante publicação do falecido jornalista Mendonça e Costa, completamente actualizada e concluida por Carlos d'Ornelas.

Para atender aos enormes pedidos que têm sido feitos está se preparando a 6.ª edição que deve sair brevemente.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17
R. DOS FANQUEIROS, 114

A TARDE PARLAMENTAR

O ministro

dos estrangeiros dá satisfações á Camara

sobre o caso de Mourão

que não satisfizeram alguns deputados

O sr. Tavares de Carvalho, que armou em paladino do embaratecimento da vida, protesta mais uma vez contra a pessima qualidade de farinha que a Moagem fornece para a panificação e contra a maneira deficiente e criminosa como é fiscalisada a venda do pão em Lisboa.

—Emquanto não arranjarem pessoas que se não vendam, diz o orador, seremos constantemente roubados.

O sr. ministro da Guerra levanta-se e promete transmitir as considerações do orador ao seu colega da Agricultura.

O sr. Cortez dos Santos acerca-se, nesta altura do sr. Tavares de Carvalho, para lhe dizer, particularmente, que discorda das suas palavras.

—Então não é verdade?

—Pois claro que não.

—Ora essa...

—E' o que lhe digo.

—A Moagem fornece farinha avariada, já lhe disse.

—Não apoiado.

—Os padeiros roubam no peso.

—Não apoiado.

—A fiscalisação está vendida.

—Não diga isso, homem.

Ora o sr. Tavares de Carvalho, que vem até junto da tribuna da imprensa, declara que ainda tem muito mais que dizer sobre o assunto ao sr. ministro da Agricultura. Ainda peor? O que será?

* * *

O sr. Viriato da Fonseca, em nome do Grupo de Acção Republicana, declara que aquele lado da Camara não aceita o projecto de reorganisação dos serviços da 5.ª arma.

O sr. Plinio Silva, autor do projecto, estranha a atitude do Grupo Parlamentar que o sr. Alvaro de Castro orienta, acrescentando que aquele lado da Camara pretende exercer pressão para que o projecto não seja aprovado.

Espera, no entanto, que modifique ainda a sua atitude, uma vez que ele, orador, foi sempre de uma grande lealdade para com o governo do sr. Alvaro de Castro.

O sr. Viriato da Fonseca diz ainda que a Acção Republicana deseja manter a legitimidade dos actos do governo do sr. Alvaro de Castro, entendendo que dentro da ultima proposta ministerial se pódem satisfazer as aspirações da 5.ª arma.

E mais não disse, porque era a hora de se passar á ordem do dia.

* * *

O sr. Plinio Silva declara que não está disposto a dar a sua solidariedade a pessoas que pretendem praticar actos que repugnam á sua consciencia, ainda mesmo que essas pessoas pertençam ao seu partido.

Isto vem a proposito de boatos que correram ácerca de uma possivel transigencia do partido democratico para a nomeação do Alto Comissario de Angola.

O orador regista o desmentido que o deputado sr. Ferreira da Rocha deu a esses boatos, pelo que diz respeito á intervenção do partido nacionalista na escolha desse alto funcionario da Republica.

* * *

O sr. Francisco Cruz, interrompendo um seu colega que está no uso da palavra, estranha que o sr. ministro dos Estrangeiros ainda não tenha vindo á Camara dar explicações sobre o que se passa com a delimitação de fronteiras no concelho de Mourão.

O titular daquela pasta responde que ainda não se negou a prestar declarações, tendo tratado já deste momentoso assunto com duas comissões que o procuraram.

O sr. Alberto Jordão não se satisfaz com as explicações do ministro e afirma que os legitimos interesses do concelho de Mourão não estão bem defendidos.

O sr. Godinho responde que tudo quanto está feito tem um caracter provisorio, não havendo motivo para receios que ele, ministro, considera infundados.

* * *

A meia laranja governamental tem hoje uma grande animação. O governo compareceu todo no Parlamento, o que nem sempre sucede, ocupando-se particularmente com alguns deputados de diversos assuntos que correm pelo poder executivo.

Entre a confusão das diversas «toilettes» ministeriais, sobresaem o «frack» cinzento do sr. Rodrigues Gaspar e o lacinho branco do sr. Daniel Rodrigues...

* * *

A's 16 e 30, a Camara ocupa-se da proposta dos duodecimos, que o partido nacionalista aceita com restrições, autorisando o governo a usar das autorisações parlamentares até 30 de Dezembro.

A bancada monarquica, pela voz do sr. Morais de Carvalho, não concorda com a proposta.

* * *

A questão dos tabacos promete preencher uma das proximas sessões, anunciando-se já que diversos parlamentares vão cair a fundo sobre as clausulas do contracto que o governo assinou com a Companhia.

O sr. dr. Nuno Simões, por exemplo, anunciou hoje uma interpelação ao sr. ministro das Finanças sobre o modo como o governo fez uso da autorisação que lhe foi concedida pela lei 1565, de 22 de Maio de 1924, e o sr. Ferreira da Rocha pediu tambem diversos documentos, com o proposito de se ocupar do mesmo assunto.

Como o leitor vê, a questão dos tabacos ainda vai fazer fumo...

O "raid„ Lisboa-Macau
A lotária da Amadora

Acabam de ser postos á venda os bilhetes para a grande rifa de 303 objectos de arte e utilidade oferecidos por diversas pessoas, para serem vendidos a favor da subscrição aberta na Amadora destinada aos aviadores Brito Paes Sarmento de Beires e Manuel Gouveia.

A comissão que coopera com a direcção dos Recreios Desportivos, resolveu que a rifa se realise pelo sorteio da lotaria da Santa Casa da Misericordia de 25 de setembro, com o seguinte plano: 6 objectos de arte para os 3 primeiros premios— premios 99 da centena da sorte grande, 99 para a centena do 2.° premio, e 99 para a centena do 3.° premio da referida lotaria.

Cada bilhete contem 10 numeros, e custa 7$50, cabendo 10 premios a cada bilhete premiado.

Os 303 objectos de arte que constituem os premios desta rifa valem alguns milhares de escudos, e estão expostos nos Recreios Desportivos onde se vendem os bilhetes.

Na rua do Ouro 123 tambem se vendem bilhetes, e dão-se esclarecimentos sobre esta interessante lotaria, cujo fim é digno de registo.

As festas nocturnas no Jardim da Estrela

No Jardim da Estrela prosseguem hoje á noite as festas organizadas pela A. T. I. havendo quermesse, tombola e outras diversões, e um grande concerto popular pela banda da G. N. R., cujo programa soberbo foi organizado pelo ilustre maestro Fão. As festas são ainda abrilhantadas pelas bandas da Escola Agricola de Paiã e do Asilo Maria Pia.

No sabado realiza se o ultimo concerto popular organizado pela grande banda da guarda republicana e no domingo em «matinée» a apresentação da grande banda sinfonica da direcção do distinto maestro Manuel Ribeiro.

Revista «Foto-Sport»

Sai no dia 15 deste mês o 7.° numero desta magnifica revista de fotografias de desporto, consideravelmente melhorada na sua colaboração tecnica. «Foto-Sport» que tem saido com irregularidade, começou agora a publicar-se a 15 e 30 de cada mês. Alem da parte fotografica e tecnica, insere o numero de 15 deste mês, alguns artigos de grande interesse: Apreciação á obra realizada pelo C. O. P. nos jogos de Paris; Noticiario do estrangeiro, etc.

UM ESCANDALO?

A NOTA

oficiosa da Caixa Geral de Depositos apreciada por Cunha Leal

(Continuação da 5.ª pagina)

parecia razoavel era ir aguardando a entrega dos diferentes lotes e escriturar então o debito real. Tanto era ilogico o lançamento que houve depois a necessidade de desfazê-lo. Leia-se, por exemplo, este trecho da nota oficiosa cuja analise estamos a fazer:

A diferença entre o preço de 783$00 por obrigação e aquele por que foi efectivada a aquisição não constituiu lucro para a Repartição de Operações Cambiais, visto que esta, ficando com os titulos de sua conta em 30 de Junho, creditou nessa data a Administração pela mesma importancia porque a havia debitado em 2 de Junho, ou seja a 783$00 por cada titulo.

Mas, então, para que se andou neste jogo de registar um debito, para depois o anular pela inscrição de um credito igual? Parece a historia do *era, não era, que andava na serra.*

Não ha nada comtudo que, parecendo absurdo, *quando feito por pessoas muito habeis,* não tenha a sua razão de ser. E' que o decreto n.° 9761, de 3 de junho passado, dizia, taxativamente, que só poderiam ser carimbados os titulos que em 3 de junho fizessem parte efectivamente dos haveres da Caixa. Por isso se fez um lançamento ficticio de compra, que se desfez pela anulação consecutiva do debito.

—O que ficou então de pé?

—«A realisação de operações de compra consecutivas a 3 de junho e a *fraudulenta* aplicação do decreto n.° 9761 a essas compras. O resto é fantasia e um jogo de escrita que nem honra quem o concebeu, nem quem o consentiu. Mas os srs. administradores da Caixa, na sua nota oficiosa, sustentam que a manobra teve um fim util e patriotico.

Quem é que teria encomendado o sermão a estes oficiaes de calçado, improvisados em tocadores de rabecão? Que se importava o Estado, dentro do espirito que orientou o malfadado decreto, que a cotação dos titulos descesse muito?

Imaginemos, de facto, que o panico os atirava para 300$00 ou menos. O artigo 7.° diz o seguinte:

Os titulos dos emprestimos referidos nos artigos 1.°, 2.° e 3.° deste decreto, actualmente na posse da Fazenda Nacional e os *que venham a estar*, serão aceitos pelos delegados do tesouro em Londres e em Paris para os efeitos de serem carimbados;

O Estado, portanto, compraria os titulos, sem necessidade de dar percentagens aos administradores da Caixa, e resgatava assim por dez reis de mel coado uma grande parte da sua divida externa. Pois se a Caixa especulou, por sua conta, porque seria feio que o Estado o fizesse, tanto mais que o Estado — esse sim — podia legalmente fazer, á face do art. 7.°, o que a Caixa não podia em vista do art. 8.°? Estranhos e pobres argumentos!»

—A nota oficiosa da Caixa...

—«Acaba assim:

Dos lucros que de futuro possam resultar desta operação pela valorização do papel em esterlino, não deve atribuir-se a qualquer funcionario da Caixa determinada percentagem. A participação dos administradores e restante pessoal é computada sobre os lucros totais da gerencia pelo saldo final da conta de lucros e perdas, e não em relação a cada negocio.

Tudo aquilo que, parcelarmente, vá aumentar os lucros, concorre para aumentar na proporção de 5 por cento a comparticipação dos funcionarios da Caixa. Procurar fazer uma mais larga justificação do caso equivaleria a tentar demonstrar as verdades do amigo Banana.»

E a terminar:

—«Por ultimo uma observação. Compraram-se mais do que 5320 obrigações. O que se fez ao resto? Teriam por acaso sido vendidas algumas obrigações na alta e pretendeu-se agora refazer a posição? Deixarei para mais tarde o esclarecimento do caso. Por agora limitar-me-hei a acentuar que o meu republicanismo aceita apenas lições da minha consciencia e que, para mestre, não quero o sr. dr. Daniel Rodrigues. Sirvo a Republica como entendo, ele que a sirva como quizer.»